



ST13. CULTURAS, IDENTIDADES E RELIGIOSIDADES AFROBRASILEIRA, INDIGENA E CIGANA

902

MAPEAMENTO DA POPULAÇÃO CIGANA EM JUAZEIRINHO - PB.¹

José Aclecio Dantas²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo refletir e apresentar os resultados parciais de uma pesquisa de campo vinculada ao Projeto de Pesquisa intitulado “Os Ciganos no Estado da Paraíba desenvolvida junto de uma comunidade cigana que se sedentarizou fisicamente no município de Juazeirinho–PB na década de 80, período de ditadura militar no que concerne às formas e representações das fronteiras identitárias construídas historicamente nas relações exógenas entre esses ciganos e a comunidade local, situando-o na cultura, no espaço geográfico e nas relações sociais com os não ciganos. Para tal, investigamos se as pessoas se reconhecem como ciganos e quais as referências utilizadas nesta definição. analisando como os ciganos se pensam e através de que categorias constroem tal identidade; verificando se são propiciadores de significados e capazes de articular uma visão de coletividade. Mesmo separados territorialmente de outros grupos étnicos semelhantes os calons de Juazeirinho conseguem sustentar dentro de suas próprias vivências um sentimento de pertença que os distinguem e os fortalece.

Palavras-chave: Ciganos. Identidade. Etnicidade.

INTRODUÇÃO

Em plena era pós-moderna, circundados por uma onda midiática e por informações instantâneas via internet, ainda há no Brasil, como em outras partes do mundo, um imaginário popular sobre os ciganos, ilustrados pejorativamente e através de personagens míticos, caricaturados e estereotipados, como o viajante, a dançarina ou o morador de carroças, o que não condiz com a realidade das etnias ciganas, objeto deste trabalho.

¹ pesquisa vinculada ao Projeto: Os ciganos no Estado da Paraíba. Da Universidade Federal da Paraíba ; com coordenação e orientação da Dr^a Maria Patricia Lopes Goldfarb. Como parte integrante do projeto de Iniciação científica (PIBIC) da UFPB.

² Pedagogo, especialista em coordenação pedagógica e graduando do curso de Serviço social da Universidade Federal da Paraíba e bolsista do projeto de iniciação científica da UFPB.

É certo que alguns traços performáticos são reconhecidos pelo senso comum como constituintes dos grupos ciganos, que a despeito de todas as tentativas de etnocídio ou assimilação registradas no decorrer dos séculos, permanecem vivendo enquanto grupos étnicos distintos. Tomamos aqui o conceito de grupo étnico desenvolvido na antropologia, especialmente através das contribuições de Barth (1969), para quem um grupo étnico representa um coletivo que elabora suas especificidades culturais, que se vê e que é visto como socialmente distintos.

É necessário afirmar que os ciganos são formados por uma vasta heterogeneidade, pois são grupos que se distinguem com relação as atividades econômicas, a procedência ou lugar de origem e a moradia atual, o que forma um grande mosaico étnico. Entretanto, a experiência de estigmatização, atribuída pela população não cigana, os coloca numa situação de partilha de um mesmo destino ou mesma história.

Como nos aponta Goldfarb (1993, p. 01):

O termo “*cigano*”, derivado da palavra espanhola *gitano*, assim como a inglesa *gypsy*, vem do Egito (rótulo que persiste através dos tempos) detectado pela primeira vez na poesia popular bizantina. A designação, atribuída por não ciganos, foi assumida pelos ciganos, obrigados a se identificarem às autoridades locais. As palavras ‘*egípcio*’ ou ‘*egitano*’ derivam as denominações *gypsy*, *gitan*, *gitano*, *atsinganos*, *athinganoi*, *tsigane*, *zingaro*, *zigeuner* e *ciganos*. Os próprios ciganos se autodenominam por meio destes termos. Na Europa se distinguem em *Rom*, cuja língua é chamada de *romani*, *Sinti*, de língua sinto e os *Calons* que falam o *Kaló* ou *calé*. Cada grupo se divide em subgrupos, que formam comunidades familiares.

De acordo com os estudos desenvolvidos no Brasil, os ciganos estão espalhados em todas as partes e no Estado da Paraíba encontramos uma forte presença de ciganos em vários municípios, como é o caso de Juazeirinho, por nós pesquisado.

Os ciganos de Juazeirinho perpetuaram suas fronteiras identitárias a partir de interações históricas que foram realizadas com os “Jurons” (não ciganos) e com as inter-relações objetivadas nas representações simbólicas de sua territorialidade, que não se fundou no sentimento de pertença a um território físico, concreto e objetivo, mas a um conjunto de formas de conhecer e se reconhecer enquanto grupo étnico distinto, formando assim uma unidade da diversidade (GOLDFARB, 2013, p.51).

Como pudemos verificar em nossa pesquisa, em Juazeirinho os ciganos não são nômades nem formam uma comunidade ou grupo mais numeroso, como é o caso da cidade de Sousa (GOLDFARB, 2013). Mesmo amplamente imersos na cultura local, verifica-se que a família cigana residente num bairro periférico da cidade permanecem sendo vistos como “ciganos”, sem perder as conexões objetivas e subjetivas de seus constitutivos traços identitários. O que concorda FAZITO (2000, p.173) ao dizer que:

“...os ciganos, mesmo quando se sedentarizam, podem criar uma relação peculiar com o espaço social. Desenvolvem-se diversas conexões e laços com o espaço vivido, de tal maneira que este

parece ser uma extensão da comunidade, não apenas no plano físico — como a construção do território — mas principalmente no plano simbólico”.

Obviamente que a identidade étnica cigana passa trocas, visto que como nos mostra Barth (1969), a diversidade não depende do isolamento, mas é na interação que as fronteiras culturais se mantêm cotidianamente. Assim, observamos que núcleo familiar pesquisado é formado por uma matriarca, fato que se justifica pela mesma ser viúva.

Assim dentre esses e outros pressupostos obtidos através de uma observação direta e sistemática (estruturada) pode-se descrever os dados exploratórios que se seguem como forma de mapear a história dos ciganos Calons de Juazeirinho, permitindo, por meio de dados qualitativos, uma reflexão sobre sua sedentarização no município.

FORMA DE INSERÇÃO NO CAMPO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizamos um levantamento espacial, econômico e social do município, com pesquisas em sites oficiais e blogs da região, conferindo notícias e relatórios que pudessem delinear o montante da área e população em geral que se pretendia trabalhar, tal como identificar, usos e costumes regionais que pudessem elucidar determinadas ações dos grupos pesquisados.

Depois dessa primeira fase partimos para a pesquisa de campo *in loco*, seguindo um roteiro preestabelecido que apontava como estratégia principal de obtenção dos dados empíricos. Assim, fizemos uma incursão na feira pública municipal para identificação visual de algum ponto referencial da população cigana, seguida de uma visita e entrevista com os agentes de saúde do município lotados nos Psf's; o que nos munuiu de informações bem gerais e incrustadas de estereótipos, mas que já permitiam um norte no mapeamento. Como complemento desse já adquirido conjunto de dados, continuou-se o planejamento inicial com as visitas aos assistentes sociais, prefeitura, delegacia e outros órgãos públicos que pudessem ajudar a construir o universo desejado.

ROTA E SEDENTARIZAÇÃO DA COMUNIDADE CIGANA EM JUAZEIRINHO

A história dos ciganos em Juazeirinho parece estabelecer alguns nexos que se coadunam com a história de outros grupos de ciganos residentes em outros municípios da Paraíba e estados vizinhos, formando fios esclarecedores da macro história de grupo étnico em terras paraibanas.

Segundo os relatos da cigana Jóia Diva Soares, o macro grupo de qual fazia parte migrou da cidade de olho d'água, no Estado do Ceará, atravessando os sertões

nordestinos numa rota nômade que articulava muitas vezes idas e vindas, nos marcos de uma territorialidade flexível, e estabelecidas por questões de imediaticidades e necessidades que se apresentavam no decorrer de cada rota.

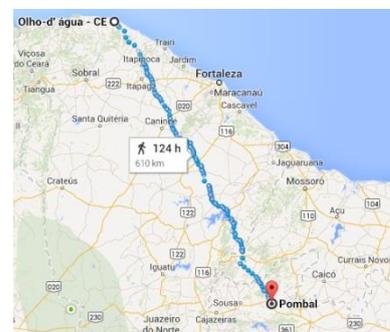
É preciso considerar o contexto destas migrações, se pontuarmos a década de 80 conforme seus próprios relatos como marco inicial do sedentarismo não só do grupo de Juazeirinho como dos outros municípios circunvizinhos, o que é confirmado por MOONEN (1993) “...E por causa disto, na década de 80, três grupos ciganos se fixaram sucessivamente na cidade de Sousa.” E também GOLDFARB (2004) ao se referir aos ciganos de Souza: “ Desde a década de 1980 moram grupos de ciganos que formam uma comunidade. A sedentarização está ligada a relações clientelísticas com políticos locais e a busca por melhores condições de vida para todos.”

Existe nessa convergência de sedentarização dos ciganos que migravam nos sertões nordestinos algum conjunto de fatores ou mesmo um fator em comum que tenha contribuído para forçar os grupos étnicos nômades da época a uma paragem física definitiva.

O certo é que tanto para ciganos ou “Jurons” as condições sócio-políticas brasileiras que retrocedem a década de 80 não eram favoráveis para qualquer indivíduo que estivesse enquadrado na categoria de pauperização absoluta ou relativa. Agravando aos que na perspectiva neoliberal não dispunham de propriedade privada, bens e muito mais aos que não se permitiam proletarizar. Reverberaram assim consequências muito mais danosas aos grupos culturais econômicos e étnicos enquadrados em tais características, ou seja, majoritariamente pobres, negros, e possivelmente ciganos, dentro da ótica do não trabalho formal.

O governo precisava segundo a ideologia ditatorial ser mais enérgico no combate a "ideias subversivas". Pairava no ar e nos documentos oficiais um diagnóstico militar colocando um processo bem adiantado de guerra revolucionária promovido nos porões do anarquismo/ comunismo que poderia tomar a sociedade brasileira de assalto. Equivocadamente Anarquismo sinonimizava com vadiagem, malandragem e esses por sua vez com a falta de um trabalho formal. O governo Militar brasileiro tratava esses e outros com a coerção em nome de uma suposta segurança nacional que interessava principalmente a uma minoria elitizada burguesa e ao capital internacional.

Nesse lapso temporal migrava o grupo ampliado de ciganos que se estabeleceriam em Juazeirinho. Não se sabe o tempo correto nem a rota utilizada depois da saída de Olho d’água no Ceará até a chegada em Pombal na Paraíba, pelos inúmeros vieses de possibilidades disponíveis aos nômades e pela imediaticidade que se colocava em cada retirada.



(Fonte: google maps)

Se cruzarmos os dados do nascimento de um dos primeiros filhos mais velhos da Sr^a Jóia Diva, ocorrido embaixo de uma ponte da cidade de Pombal-PB (hoje com 39

anos) com a data provável de sua sedentarização em Juazeirinho (início da década de 80 – cerca de 30 anos), veremos que o grupo pode ter levado aproximadamente de 6 a 8 anos para percorrer a rota informada pelos pesquisados e apresentada abaixo.



(Fonte: google maps)

O grande grupo migrou de Pombal, entre outros passando pelas cidades de Currais Novos e Equador, no estado do Rio Grande do Norte, chegando na década de 80 em Juazeirinho. O cigano Honório Felinto Vicente (originário de Currais Novos – RN) e sua companheira, a cigana Jóia Diva, e filhos na época resolveram sedentarizar-se em Juazeirinho, deixando o grande grupo que seguiu viagem e acabaram por se dividirem. A família ascendente da cigana Jóia Diva migrou para a cidade de Condado onde fixou residência e lá reside até os dias de hoje. É por esse motivo que incluímos no mapa da rota acima a referida cidade.

POPULAÇÃO CIGANA EM JUAZEIRINHO

A população efetiva de ciganos na cidade de Juazeiro é composta por uma única família extensa, formada pela matriarca – viúva há 6 anos e com 60 anos de idade – morando com um dos filhos que permanece solteiro, com seus 36 anos. Além deste, temos três filhas: uma também viúva e recasada³, de 39 anos e com dois filhos (um do 1º casamento com 21 anos e outro do 2º casamento com 7 anos), e mais duas casadas. Totalizando na cidade de Juazeirinho encontramos uma família com 8 membros. Importante destacar que todos os filhos da cigana matriarca se casaram com não ciganos.

Esse grupo familiar estendido ocupa 04 núcleos domésticos (casas) numa mesma circunvizinhança (rua e anexos); e estará sendo ampliado com o retorno de um dos filhos e sua família que aos demais no retorno de São Paulo, e habitará a casa ainda em construção. Os outros três filhos da cigana residem em Campina Grande e São Paulo.

³ O termo casada e recasada aqui utilizado refere-se a união conjugal que independe de ser um matrimônio oficial ou união estável.

CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS CIGANOS EM JUAZEIRINHO

A principal fonte de renda dos ciganos em Juazeirinho provém de pensões das duas viúvas e programa de transferência de renda (bolsa família) das crianças, fato observado por Goldfarb (2013) na cidade de Sousa. Estas fontes são complementadas pelos trabalhos informais dos adultos.

Os maridos das jovens ciganas, que são “Jurons”, participam com o sustento familiar com renda advinda de trabalhos temporários e informais. Já os ciganos, filho e neto mais velho da cigana matriarca, realizam pequenos comércios (trocas, venda) com motocicletas, e outros bens de pequenos portes; hábito esse também observado por MOONEN (1993, p.13) entre os ciganos de Souza - PB : “ *Mas a principal fonte de renda era o comércio ambulante praticado pelos homens.*”

Quanto ao nível de escolaridade existe uma preocupação com os novos dois netos (com 7 e 9 anos) que estão regularmente matriculados na rede municipal e são assíduos e com bons aproveitamentos na escola, segundo declarações dos diretores da escola anterior e atual das crianças, e que só se transferiram por motivos de distancia. Já O jovem cigano de 21 anos parou os estudos no 1º ano do ensino médio e não mais retornou à escola. Até onde se sabe nenhum dos adultos concluiu o ensino fundamental completo.

HÁBITOS E COSTUMES CIGANOS

Foi constatado que todos os ciganos adultos de Juazeirinho adotam dois nomes, um oficial e outro para os “Jurons”, isto é um funciona internamente e outro para o mundo externo. Verificamos ainda que apenas uma das filhas continua com a mendicância e a leitura das mãos, mesmo realizando também trabalhos esporádicos e informais.

Observamos que as uniões matrimoniais ocorreram com pouca idade entre as mulheres, incluindo a matriarca, que formaram uma união conjugal com cerca de 13 a 14 anos. Também constatamos um costume peculiar entre os ciganos, o rapto da noiva para aceleração da união nem sempre consentida pelos pais. Uma das filhas ciganas “fugiu para se casar”, indo morar num quarteirão próximo da casa da mãe, e mantendo posteriormente o contato natural com os pais que depositavam nos genros “Jurons” sua indignação e culpabilização.

A matriarca nos relatou não sentir saudades dos tempos de nomadismo pela miséria que representam para ela.

PESQUISA ENTRE OS “JURONS” (NÃO CIGANOS):

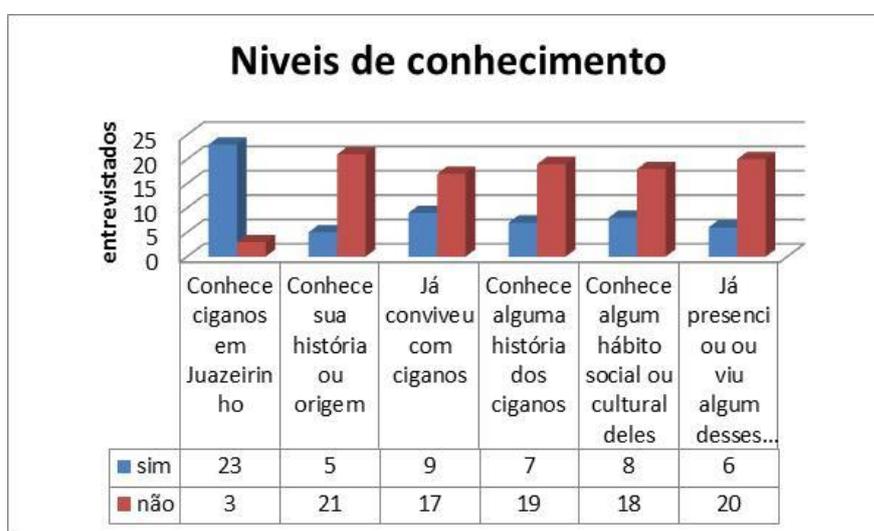
Além dos ciganos, no trabalho de campo também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e aplicação de questionários impressos, com 17 perguntas objetivas de múltiplas escolha, numa amostragem não probabilista acidental que foram tabuladas para análise.

As características principais do público não cigano pesquisado ficaram definidas de acordo com a tabela abaixo

Tabela 01. População não cigana pesquisada

Sexo	Estado civil	Escolaridade
Mulheres 69%	Solteiros 42%	Médio acima 84%

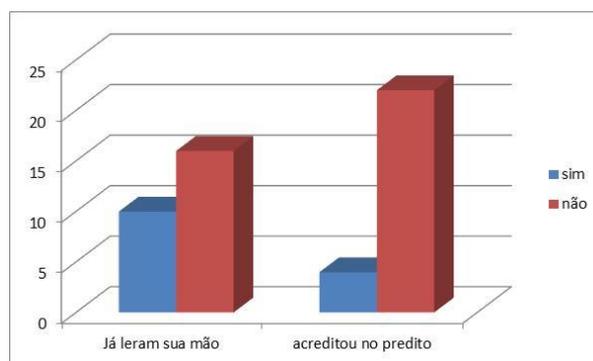
No público pesquisado observamos que a falta de informação da cultura cigana observada no gráfico posterior se torna muito mais exacerbado quando se trata de pessoas que, teoricamente, tiveram mais oportunidades de acesso a informações a universos culturais diferentes dos seus.



Podemos observar no quadro acima que mesmo que cerca de 88% da população pesquisada de Juazeirinho saiba da existência de ciganos na cidade, 81% não conhece sua história ou origem, enquanto cerca de 73% desconhece qualquer história que envolva os ciganos ou sua cultura e até chegando a confirmar 70% dos entrevistados que nunca presenciaram ou viram quaisquer manifestações dos hábitos sociais ou culturais ciganos de Juazeirinho ou de outras localidades.

Podemos aferir daí ou uma possível subsunção proposital ou não dos traços culturais deste grupo cigano em Juazeirinho como forma de preservação e não exteriorização de sua cultura, ou até uma possível conscientização da população quanto à importância desses traços culturais para a formação global da cultura brasileira, ou até mesmo, os influxos da cultura “Juron” na cultura Calon.

Um dado contraditório nas respostas encontra-se no fato que dos 73% que afirmaram não conhecer nenhuma história que envolve ciganos, 38% do total de entrevistados confirmou que já tiveram suas mãos “lidas” por ciganas, mesmo que mais da metade desse percentual não tenha acreditado no que foi prognosticado.



909

A pergunta do questionário procurou identificar o nível de aceitação, antes de perguntar a opinião dos entrevistados quanto ao povo cigano em uma pergunta com resposta subjetiva. Mesmo contendo opiniões nas descrições posteriores que colocam expressões do tipo: “são um povo alegre”, “respeito eles”, “pessoas boas e de cultura bacana”, “não tenho nada contra eles”, “são acolhedores”, “povo simples e educado”, “gente normal”, e “tenho grande admiração”, antagonicamente 39% não casaria nem permitiriam seus filhos casarem com algum cigano. Isso se somado aos que não quiseram opinar e aos que ficaram duvidosos quanto à resposta, poderíamos estimar um número que ultrapassaria a metade dos entrevistados que não gostariam de desenvolver vínculos mais fortes com o povo cigano dicotimizando seus conceitos.



A pesquisa encerrou com a seguinte pergunta: *Oficialmente o povo brasileiro, é formado pelos grupos étnicos: índios, negros e brancos. Porém o povo cigano esta no Brasil desde a colonização e fizeram também parte de nossa história. Você concorda que eles deveriam ser também reconhecidos como grupo étnico formadores de nossa cultura e povo?*

Dos 26 pesquisados 79% reconheceram a necessidade de legitimação da cultura cigana enquanto também formadora da sociedade brasileira. Esta pergunta teve o objetivo de verificar a opinião dos entrevistados quando a cultura cigana e seu povo aproximavam-se empiricamente de suas próprias culturas em contraponto a suas opiniões quando as

questões colocavam os ciganos numa esfera exógena e distante de suas próprias relações, exemplificadas nas perguntas de caráter pessoais como a do casamento e as de caráter mais abstratos como “o reconhecimento pela sociedade”.

Então sempre que as perguntas abstraíam as relações diretas as respostas pareciam, com raras exceções, se direcionarem para uma aceitação desde que fossem ou ficassem invisíveis ou na condição de assimilação; já quando as perguntas direcionavam para a concreticidade de sua relação com os ciganos as respostas mudavam de tom e direção; o que demonstra a existência de preconceitos e a recusa da diversidade cultural no município e nas pessoas pesquisadas.

CONCLUSÃO

Pelo presente exposto, conclui-se que os ciganos de Juazeirinho permanecem invisíveis, invisibilidade esta que permite um convívio com os locais moradores da cidade.

Por outro lado, verificamos a riqueza que compõe estes grupos étnicos, a resistência cultural que faz com que uma matriarca permaneça honrando os valores da família, elemento fundamental da cultura cigana, onde quer que ela esteja (OKELY, 2011). Como nos mostra Goldfarb (2013), os ciganos apontam a descendência, as relações matrimoniais e o parentesco como elementos que definem um cigano, o que foi por nós verificado em Juazeirinho.

Mesmo não existindo um grupo grande numericamente, a identidade cigana está lá, pois as fronteiras não desapareceram, o que observamos quando a matriarca fala de seu falecido marido, de sua família de origem e de sua família de procriação. Enfim, são laços de vida e de sangue que não se desfazem jamais.

A mobilidade social também foi um fator importante na pesquisa, traço que é mais histórico entre os ciganos, o que podemos perceber bem de perto ao analisarmos a trajetória desta família e o quanto seus membros não fecham as possibilidades de novas mudanças e trajetos, com pessoas chegando, saindo, voltando, o que favorece sua readaptação a cada novo conjunto incursões que se façam.

A sociedade dos que se pensam dominantes deveria aprender suas mais ricas lições de resistência, e manutenção cultural, para não sofrer os refluxos de suas próprias arbitrariedades.

Assim as análises aqui contidas não pretendem fechar os ciclos de discursões sobre o assunto, mas criar brechas analíticas para futuras pesquisas e espaços de discursões que possam refletir sobre o fazer humano, sem juízos de valores.

REFERENCIAS

BARTH, Fredrik. **Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference.** Michigan USA: Little, 1969 Disponível em http://books.google.com.br/books/about/Ethnic_groups_and_boundaries.html?id=E9HtAAAAMAAJ. Acesso em 25 de junho de 2014.

FAZITO, Dimitri. **Transnacionalismo e Etnicidade - A Construção Simbólica do Romanesthàn (Nação Cigana)**. 2000. 192 f. Dissertação (Mestrado em antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; LEANDRO, Suderlan Sabino; DIAS, Maria Djair. **O cuidar' entre as calin: concepções de gestação, parto e nascimento entre as ciganas residentes em Sousa-PB**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n. 33, p. 851-876, Dezembro de 2012.

DANTAS, José Aclecio; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O cuidar' entre as calin: concepções de gestação, parto e nascimento entre as ciganas residentes em Sousa-PB**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n. 33, pp. 851-876, Dezembro de 2012.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Os ciganos no Estado da Paraíba**. João Pessoa: PIBIC, 2013.

_____. 2004. **O tempo de atrás: Um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB**. Tese (Doutorado em Sociologia), João Pessoa: UFPB.

MORAES FILHO, Mello. **Os Ciganos no Brasil contribuição ethnographica**. Rio de Janeiro: B. L. GARNIER Editor, 1886. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/224212>. Acesso em 10 de Junho de 2014.